

«NAS TORMENTAS DA MALEDICÊNCIA O MAIS TRANQUILO É O PORTO DO SILÊNCIO».

Bronteau

A voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

31-3-77

(Preço avulso: 4\$00)

N.º 617

Composto e Impresso
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração:
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ



PORTO
PAGO

HARMONIZAÇÃO de políticas sectoriais

Tudo se conjuga para que Portugal penetre como membro de direito e de facto no Euromercado. A sua admissão definitiva está só dependente de certas formalidades protocolares, como sejam a resposta da CEE à adesão de Portugal e das negociações preliminares que se arrastarão por 2 ou 3 anos, logo seguido, este período, de um prazo mediador de 5 anos.

Ora é neste espaço de tempo que se espera uma reconversão plena da economia portuguesa que ao fim e ao cabo possa como elo interligante pela reconstrução, e para o nosso país se integrar no seio evolutivo do «marketing» especificamente europeu, ou seja no Euromercado, que de antemão exige dentro do sistema de in-

tercâmbio potencialidades concorrenciais e de competitividade inofensíveis.

O problema maior, para Portugal, começa já e agora, que terá de promover, sem perda de tempo, uma remodelação de fôlego contendo para isso com um suporte tecnológico vindo em parte do exterior, de países membros da CEE, ao âmbito da solidariedade europeia, e não só...

(continua na pág. 5)

RECADO para Manuel Alegre

Quando ouvimos, naquela noite de domingo, falar Manuel Alegre sobre as medidas destinadas à imprensa, retribuímos. Desta vez, finalmente — pensámos — a imprensa regional vai ser objecto de medidas justas. Puro engano, afinal. Efectivamente um despacho veio prorrogar até 30 de Abril as respectivas isenções e o envio de jornais para o estrangeiro continua como dantes, agravado agora com o aumento das taxas. Quer dizer, os emigrantes que queiram ler notícias da sua terra, terão de pagar o jornal regional quase três vezes mais. Isto é o que se chama exploração. E Manuel Alegre vem dizer-nos que são

(continua na pág. 5)

AUTOGESTÃO ou «indigestão»?

Não somos contra a autogestão ou mesmo contra a cogestão, mas somos decerto contra a «indigestão».

Sem nos alongarmos em considerandos sobre o assunto apresentamos, bastante resumido aliás, um caso típico, que fala por si, de tal modo, que dispensa comentários, tão evidente ele é.

É o caso da «Pastelaria S. Carlos», conhecido e apreciado estabelecimento que se guindou a uma situação de prestígio merecido do esforço longo, de uma vida, do seu proprietário que desde os 12 anos e partindo de uma posição modesta, desenvolveu o seu estabelecimento até atingir aquilo que em linguagem vulgar se apelida de próspero e afreguesado.

Foi a partir de 5 de Dezembro de 1975, data em que os seus empregados, aproveitando a hora do almoço, encerravam as portas do estabelecimento, mudaram as fechaduras e barricaram-se durante os primeiros dias no seu interior e impedindo por intermédio de permanentes piquetes (diurnos e nocturnos) a penetração dos sócios-gerentes.

Logo que reaberta a loja, aos habituais clientes que interrogavam sobre os respectivos proprietários, diziam, «esses senhores já não fazem

parte da firma, foram expulsos por nós; não podem cá entrar; isto agora é dos trabalhadores».

Segue-se que perante o insólito da ocorrência os legítimos proprietários estabeleceram junto das entidades competentes várias diligências que depois de conhecerem as vicissitudes das oscilações governamentais, foi possível

(continua na pág. 3)

FALENCIA DE 22 EMPRESAS TURÍSTICAS REQUERIDA PELO GOVERNO

(LER NA PÁGINA 3)

837 anos depois e... novamente Guimarães?

— por M. FARIA —

GUIMARÃES, berço da Nacionalidade Portuguesa desde 1140, excepto durante os 60 anos que vivemos subjugados a «nuestros hermanos», por culpa dos Migueis de Vasconcelos de então. Oito séculos decorridos, depois de tantas batalhas internas, alargando o Condado Portucalense até ao

sul, concretizando este país chamado Portugal. Depois de tantas conquistas de além-mar, semeando a civilização cristã, desde a Índia ao Brasil,

(continua na pág. 6)

SECTOR HOTELEIRO (DE NOVO) EM POLVOROSA?

Resolveram apoiar a comissão sindical que está a negociar há mais de um ano o novo CCT, (que abrangerá 100 mil trabalhadores, doze sindicatos e cinco federações ligados à hotelaria).

Foi assim, segundo um comunicado da comissão sindical, estabelecido um prazo de oito dias para que a comissão negociadora patronal reveja «a sua posição», findo o qual haverá nova reunião dos sindicatos da qual resultarão as medidas necessárias à imediata conclusão das negociações.

O contrato vertical de hotelaria foi

denunciado há 14 meses e nem a convocação dos sindicatos nem as convocações do Ministério do Trabalho conseguiram fazer comparecer às conversações as associações patronais.

Salvo a ENATUR e um grupo representativo de cantinas refeições, estabeleceram negociações, depois de uma nota oficiosa do Ministério do Trabalho.

A comissão sindical considera que «o patronato procura a todo o custo destruir a unidade dos trabalhadores como forma de destruir por sua vez o contrato vertical».

CARLOS LOPES

honroso 2.º lugar no «Cross das Nações»

Com a participação de 190 atletas (com 163 classificações à chegada) em representação de 22 países, decorreu em Dusseldorf, sob o signo da mais importante competição a nível mundial de curta-mat, possivelmente a mais concorrida prova do género de todos os tempos.

Como um dos sérios candidatos à renovação do título máximo, alinhava Carlos Lopes, que na companhia de Fernando Mamede, Aniceto Si-

mões, Carlos Cabral, Manuel Paiva, Helder de Jesus, Tavares da Silva e Vasco Pereira, formaram a equipa portuguesa.

Foi a dura prova do «Cross das Nações», que teve por cenário o hipódromo de Grafenberg, bem recheado de episódios alternantes de «pontas de lança», cada um deles a experimentar a sua sorte.

Os «leaders» do pelotão dianteiro

(continua na pág. 6)

Encontro com o ilustrador louletano José Batista

«A arte de contar histórias por imagens», encontrou em José Batista, louletano de raiz, um intérprete (e também um criador) de eleição, com longa experiência adquirida no ramo da ilustração, do qual transitou com extrema facilidade para a banda desenhada, onde, mercê do seu talento de artista, agenciou firme reputação.

ANTES E... AGORA

Antes do 28 de Maio de 1926, os jornais de Paris diziam: — «Hoje, por ser domingo, não há revolução em Portugal».

Agora, em Lisboa, a malta dos cafés que perambula pela Baixa, pergunta: — «Então pá, hoje ainda não rebentou nenhuma bomba?»

O contraste ainda assim não é tão grande entre «os bons velhos tempos» e o «admirável mundo novo», que nos circunda e do qual não somos só testemunhas.

Desenvolveu a sua actividade na Agência Portuguesa de Revistas, incumbindo-se de ilustrações para livros de todos os tipos.

Foi, no entanto, quando convidado a ingressar no «Jornal do Cuto», que enveredou realmente na banda desenhada e aí, nessa publicação, afirmou uma vez mais uma faceta para a qual na verdade, independentemente do ecletismo da sua vocação, se mostrou talhado.

A sua especialização neste género de artes gráficas é notória, portanto, a que nem sequer faltou uma digressão pelo estrangeiro onde acumulou mais conhecimentos e experiência.

Abordámos assim José Batista, aqui aquando, como decorador, colaborava na ornamentação do carnaval de Loulé, na certeza, posteriormente confirmada, de que as suas revelações cipgir-se-iam do mais vivo interesse.

(continua na pág. 2)



JOSÉ BATISTA
num fiel auto-retrato expressamente
executado para o nosso jornal

A «EXEMPLAR» DESCOLONIZAÇÃO

Numa reunião da comissão restrita da Comissão Nacional de Desalojados foi deliberado apelar para o Presidente da República no sentido de que se «proceda a um inquérito para responsabilizar perante o Povo português e os Tribunais os autores que, ao serviço do imperialismo soviético, cometeram a maior traição da nossa História multissécular, não pela descolonização em si, mas pela forma como a fizeram».

POR UM PUNHADO DE ESCUDOS...

Num dia qualquer da semana passada, em Luanda, enforcaram uma quitandeira... O seu corpo balouçou toda a tarde, perante a multidão que passava, parava e olhava essa velha

(continua na pág. 3)

ENCONTRO COM O ILUSTRADOR LOULETANO

JOSÉ BATISTA

(continuação da pág. 1)

Aqui ficam consignadas as suas afirmações, como réplica a uma série de perguntas que lhe endereçamos:

— Desde quando é que sentiu vocação para as artes plásticas?

— A exteriorização gráfica das formas exerceu, desde que me conheço, profunda influência no meu espírito. Criança ainda, qualquer desenho, pintura, escultura e até a música me cativavam e seduziam.

A modelagem em barro foi talvez a primeira manifestação artística que experimentei fazendo santinhos e andores e imitando, com outros rapazes, as procissões que os adultos faziam. Na instrução primária, quando era necessário um desenho que ilustrasse um texto ou mesmo para servir de base a uma redacção, a professora pedia-me que o fizesse no quadro preto. Finda a instrução primária, ofereceram-me uma viagem a Lisboa como prémio e também a possibilidade de ali continuar os estudos. Foi por mera casualidade — ou talvez não — que me matriculei na Escola de Artes Decorativas António Arroio, por ser a que mais próximo ficava do local onde residia. Encontrei ali grandes mestres e grandes amigos que jamais esquecerei e que marcaram profundamente a minha formação artística. De então até hoje tenho tido um contínuo labor em tudo o que se relaciona com as artes gráficas, desde a publicidade à banda desenhada, bem como aos métodos de impressão, etc. O prolongado contacto com a banda desenhada, pois estive dezoito anos como chefe de redacção da maior editora do género, deu-me o conhecimento da teoria e da técnica dessa arte maravilhosa de contar as coisas.

— Independentemente da ilustração e da banda desenhada, tem enveredado por outras manifestações, criações de outro tipo, designadamente, a pintura a óleo, ou a caricatura, por exemplo?

— Poucos são os artistas plásticos que se dedicam exclusivamente a um só ramo do vasto campo das artes. Porém, um tem a sua predilecção, que é aquele onde o artista mais se sente realizado. A ilustração a preto e branco ou a cor foi aquela onde me especializei por razões de ordem profissional. Desenhar para a imprensa tem as suas técnicas que é preciso conhecer quando se envereda pelo caminho profissional. Os campos limítrofes, como a pintura a óleo, eram tidos como passatempo ou como experiência. O óleo tem uma técnica que nunca aprofundei seriamente por ser género de que pouco me ocupei, o mesmo não acontecendo com a aguarela ou o guache os quais conheço e domino perfeitamente. A razão deste facto é que o óleo demorando a secar não é prático como material utilizável nos trabalhos para reproduzir na imprensa, onde a rapidez de execução é um factor importante. A caricatura faço-a muitas vezes por brincadeira, mas sem carácter de continuidade, embora, tal género de arte, me mereça o máximo respeito.

— Dentro do âmbito profissional como tem decorrido o seu «curriculum-vitae», a sua actividade e projecção e portanto as etapas dessa profissionalização?

— Terminada a minha colaboração no emprego onde trabalhei como chefe de redacção, e para o qual fiz milhares de ilustrações e capas, dispensei em dezenas de publicações como o «Mundo de Aventuras», «Crónica Feminina», «Plateia», etc., etc., dei uma saltada a Londres pois ainda é na Europa um dos baluartes das artes gráficas. Ali colaborei na maior editora inglesa, em volume e projecção das suas edições, a «I. P. C. Magazines». Regressei novamente a Portugal, onde chefei a redacção da melhor revista de banda desenhada que — na minha opinião — existiu em Portugal, «O Jornal do Cuto». Porém, razões poderosas de ordem económica suspenderam o jornal, e por essa interrupção e por esses motivos, passei a trabalhar por conta própria, mas o ambiente degradou-se rapidamente, mormente depois do 25 de Abril.

— Dentre as suas produções quais são as que mais distingue, ou quais são, na sua opinião, as que mais marcam?

— Fiz tantos e tão variados tra-

balhos no campo das artes gráficas, como ilustrador, que difícil se torna destacar uns dos outros.

Sem dúvida que uns agradaram-me mais fazer. E dentre os que me deram maior prazer realizar menciono os que tinham, além de ilustrações, um cunho pedagógico. Fiz como pesquisa minha, várias colecções de cromos: «Povos e costumes exóticos», «Astronomia», etc., todos eles a cores. Fiz ilustrações para todos os tipos de texto: «cow-boys», amor, policial, guerra, etc., etc., capas para as mais variadas revistas. Em Inglaterra desenhei histórias de guerra e um dos meus últimos trabalhos foi a execução em folhetim diário de ilustrações sobre a vida de Camões, publicado pelo «Diário Popular».

— Dentro do campo e do género da banda desenhada nunca teve a preocupação de criar a figura de um paladino ou de um herói, enfim a figura que atrairia o agrado do mundo juvenil?

— Esse é, na banda desenhada, quase sempre o sonho de todos os ilustradores. Em Portugal, porém é irre realizável porque a criação de uma figura ou herói, como lhe chamam, implica numa sequência de publicações, isto é contínua, e como os desenhos estrangeiros custam em Portugal — porque os países que os produzem e exportam o fazem para todo o mundo — dez vezes menos do que custariam se fossem cá feitos. Não que os façam muito caros, mas é lógico que um desenho que é vendido dez ou vinte vezes, pode ser pago a quem o faz principescamente e ser vendido depois a preço irrisório, dada a sua expansão. Nós não temos nenhuma protecção neste campo, nem nunca a tivemos efectivamente. Será que agora, com estas medidas económicas, se vai pensar a sério nisso?

São uns milhares de contos que saem do país na compra de material que cá poderia ser executado. Urge encarar a sério este problema. Criaria postos de trabalho e evitaria a saída de divisas.

— Diga-nos José Batista, como se processou e em que consistiu a sua colaboração no Carnaval de Loulé?

— Encontrando-me em Loulé por motivos familiares e disponível no aspecto profissional e tomando conhecimento dos trabalhos então em curso para os festejos carnavalescos ofereci, a um dos elementos coordenadores, o Ilídio Floro, a minha colaboração. Faziam parte dessa comissão, além do já citado, o Manuel Correia, o Fernando Barracha e o professor Duarte, ao qual me ligava uma amizade de muitos anos. Cedo constatei, para surpresa minha, da capacidade do grupo na resolução dos mais variados problemas que dia a dia surgiam e solicitavam rápida solução. Pouco tem sido o meu contacto com os outros elementos, mas devo confessar que fiquei maravilhado com a capacidade de improvisação e resolução de toda a equipa, com a qual colaborei dando o melhor de mim mesmo, dentro de um género para mim original. O Ilídio é um organizador de fibra nervosa, atento e competente nos mínimos pormenores, produto de longa experiência neste campo e aliado a essas qualidades de trabalho.

Fernando Barracha, tendo a seu cargo, além de outros, a colocação da ornamentação na Avenida, que este ano foi totalmente renovada, mostrou um profissionalismo a toda a prova.

Manuel Correia, que conhecia dos meus tempos de menino como aprendiz de carpintaria, revelou-se um competente e imprescindível mestre tanto na concepção como na execução deste género de trabalhos. Grande parte do êxito deste Carnaval deve-se, em minha opinião a esse homem simples e despretencioso que cultivava a arte dentro dos estreitos limites do nosso meio.

VENDE-SE

CORTINA, 1 300, com um ano uso, 15 000 kms., em estado novo.

Nesta redacção se informa.

O professor Duarte, artista irrealizado, de fina sensibilidade e apurado bom gosto, é um «velho» companheiro de infância, amigo de longa data. A ele se devem as maquetas da maioria dos carros deste carnaval, bem como a planificação da nova entrada e demais ornamentações. Capta e materializa, com facilidade, o ambiente exótico desta provincia morena, não se deixando no entanto enredar nos acanhados limites e disponibilidades.

Foi para mim um prazer colaborar com tal equipa e se o meu trabalho contribuiu de algum modo para valorizar este Carnaval devo-o às condições de trabalho criadas por tão estupendos camaradas. Nessa equipa não havia chefe e todas as sugestões eram escutadas. Nestas condições o trabalho torna-se um prazer.

Não foi certamente por acaso que o presidente da Câmara, António Maria Andrade, os escolheu como responsáveis por este Carnaval. Verdade seja dita que a Câmara pôs à disposição da Comissão, nomeadamente através do seu presidente, os meios indispensáveis para que o Carnaval se concretizasse num êxito, acompanhando os responsáveis pela edilidade, a par e passo, o desenrolar dos trabalhos, a eles assistindo pessoalmente, demonstrando com essa atitude o interesse que os mesmos lhe mereceram.

O assunto é vasto e aliciente e a ele voltaremos num futuro próximo, com a análise subjectiva das artes, as suas implicações na vida do Homem, o seu contributo como factor de ordem espiritual, pedagógico, mero entretenimento, etc. etc., criando, se tal se revelar útil, um local no jornal para sobre esta temática nos expriarmos. Até breve.

«A Voz de Loulé», N.º 617, 31-3-77

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

São convocados, para comparecer no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, no dia 9 do próximo mês de Maio, às 10 horas, todos os credores da SOCIEDADE DE MERCEARIAS DO SUL, LDA., com sede no Largo de S. Francisco, n.º 18-19, em Loulé, representada pelo seu sócio gerente José Rosal Costa, morador em Loulé, para o fim de se proceder à reunião de verificação de créditos, nos termos do art. 1149 do Código de Processo Civil, nos autos de declaração de falência que, por apresentação da referida sociedade correm termos por este Juízo e 1.ª Secção de processos. — Os credores que não figurem na relação apresentada pela devedora podem reclamar no processo os seus créditos até 10 dias antes do designado para a reunião; e qualquer credor nos 5 dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da dita devedora, declarando-se que foi nomeado administrador o sr. dr. Armando Olímpio Almeida Semedo, licenciado em Direito, morador na Rua José da Costa Guerreiro, n.º 67, 1.º, em Loulé.

Loulé, 17 de Março de 1977.

O Juiz de Direito,
(a) Jorge Mourão Mendes Leão

O Escrivão de Direito,
(a) João do Carmo Semedo

BRITO & BRITO, LDA,

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 12 do mês corrente, lavrada de fls. 66 a 67, do livro n.º A-48, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Maria Teresa Brito Jorge Guerreiro de Brito e José Guerreiro de Brito, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «Brito & Brito, Limitada», e tem a sua sede nesta vila, na Avenida Marçal Pacheco, freguesia de São Clemente.

SEGUNDO — A sua duração é por tempo indeterminado, tendo iniciado hoje a sua actividade.

TERCEIRO — O objecto da sociedade é o comércio de electrodomésticos, equipamentos industriais e domésticos, aparelhos eléctricos em geral, ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios acordem e que não seja proibida por lei.

QUARTO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na

caixa social, é de duzentos mil escudos, e foi subscrito pelos sócios, com uma quota cada um, do valor nominal de cem mil escudos.

QUINTO — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

PARÁGRAFO ÚNICO — É expressamente proibido aos gerentes usar a firma social em letras de favor, fianças, abonações e mais actos e contratos alheios à sociedade.

SEXTO — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente, que terá o direito de preferência em primeiro lugar, e a sociedade em segundo.

SÉTIMO — As assembleias gerais serão convocadas por carta registada dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos salvo em casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 15 de Março de 1977.

O 2.º ajudante,
Fernanda Fontes Santana

EMPRESA DO ALGARVE

ADMITE PARA O SEU POSTO CLÍNICO,

ENFERMEIRO

PREFERÊNCIA A QUEM TIVER
O CURSO OU CONHECIMENTO
DE MEDICINA DO TRABALHO

Resposta indicando nome, idade, morada, vencimento pretendido e outras referências para o n.º 25, deste jornal.

PHILIPS



GARANTIA DE QUALIDADE

APRECIE OS NOSSOS MODELOS DE

ELECTRODOMÉSTICOS • RÁDIOS
TELEVISORES • ASPIRADORES

A mais apurada técnica em alta fidelidade

◇ ASSISTENCIA TÉCNICA GARANTIDA ◇

VISITE:

ELECTRO PALMA

Av. José C. Mealha — Telef. 62025 — LOULÉ

FALÊNCIA DE 22 EMPRESAS TURÍSTICAS REQUERIDA PELO GOVERNO

Pelo Conselho de Ministros foi decidido requerer ao Ministério Público declaração de falência de 22 empresas afectas ao ramo turístico.

A fim de reservar para o Estado os bens mobiliários e das carteiras de títulos pertencentes às empresas visadas, o Conselho de Ministros encarregou o ministro das Finanças de fornecer aos administradores das falências os meios necessários.

As companhias em questão são as seguintes: Arrabalde; Sociedade Urbanizadora dos Maximinos; Companhia Hoteleira Monte Estoril; Soeco; Sociedade Imobiliária Sobreis; Palmares; Companhia de Empreendimentos de Lagos; Consolimar; Goliatur; Neves, Irmão e Companhia; Sociedade Organizadora Pedagua; Sintamar; Socinfra; Socorapa; Delur; Companhia de Albandeira; Caramujeira; Crastos; Sociedade de Jardim Zoológico.

gico Parque Africano; Vale do Engenho; Palmares (Investimentos e Urbanizações); Soapa e Jar Brito.

Também o Processo Revolucionário em Curso (PREC) abrirá falência?

Pensões da Previdência aumentadas

Acabam de ser aumentadas, no mínimo para 2 250\$00, a partir de 1 de Fevereiro, as pensões da Previdência, mantendo todavia no seu valor presente as iguais ou superiores a 12 contos.

O aumento em média foi de cerca de 520\$00 para as de invalidez e velhice, e de 260\$00 para as de sobrevivência.

AUTOGESTÃO OU «INDIGESTÃO»?

(continuação da pág. 1)

vel dirimir, por fim, através do Tribunal Civil.

A devolução do estabelecimento aos seus genuínos donos deu-se assim recentemente, a 3 do corrente.

Foi então que se puderam avaliar a enormidade dos estragos produzidos por 15 meses de autogestão, e que uma vez inventariados deram os seguintes resultados: desaparecimento de existências em «stok» no valor de 500 contos, um elevado montante de dívidas aos fornecedores, destruição de equipamento calculado em 1 000 contos, danos graves nas instalações que impossibilitam para já a sua actividade.

Acresce que a estes prejuízos se devem incluir uma deficitária situação económica, à beira da falência, e a perda de reputação que afugentou a clientela.

Assim chegou à decadência um conceituado estabelecimento de pastelaria.

Mas ao que parece ainda não terminou todo este «imbróglio», pois chegaram a organizar-se piquetes de vigilância formados por trabalhadores e por estranhos (ao que dizem) e a entidade patronal a receber ameaças.

Não será «demasiado» já?

J. V.

Linha de crédito preferencial para a hotelaria?

Com vista à obtenção de uma linha de crédito preferencial a fim de resolver delicadas situações económico-financeiras, criadas pelas instabilidades epocais anteriores e atrasos de hospedagem a retornados, a Associação dos Hoteleiros solicitou ao sr. Presidente da República uma audiência.

Cabe salientar que a linha de crédito aludida foi já aprovada a nível governamental, mas a sua viabilidade tarda a concretizar-se por via do Banco de Portugal que tem vindo a levantar certas objecções.

Desvendada uma rede de droga e pornografia que actuava no Barreiro

Com grande soma de pormenores o «Diário de Notícias» historiou um caso grave de aliciamento de raparigas menores, alunas da Escola do Ciclo Preparatório do Barreiro, cujas faltas às aulas naquele estabelecimento de ensino levaram as autoridades a desmascarar uma rede de droga e pornografia encoberta sob a fachada de uma pista de automóveis, de que é proprietária a Sociedade Lusitana de Atracções.

Após as averiguações a PSP deteve Epifânio das Neves Silva, de 42 anos; Alberto Manuel Cantineiro Silva, de 18 anos; Fernando Manuel Lopes, de 19; Teodósio Liberato da Silva Ferreira, de 18; Carlos Manuel Andrade Ferreira, de 16, todos empregados da pista de automóveis.

Depois de escutados, foram postos em liberdade provisória, os presos mediante um termo de identificação.

Como entretanto a pista começou a ser desmontada suspeita-se que os delinquentes pretendam subtrair-se à acção judicial.

CRIANÇAS TOMA-SE CONTA

Senhora, oferece-se para criar crianças a partir de 1 mês aos 3 anos. Informa pelo telefone 63116 ou na R. Ascensão Guimarães, 48-5.º, Dt.º — LOULÉ.

(2-2)

POSTAL DE FARO

Quer queiramos quer não, o assunto gira em torno do custo de vida. Na realidade, o aumento assustador dos mais diversos artigos, faz gerar um clamor de angústia e de veemente protesto face à realidade do dia a dia.

E quando ouvimos pela boca dos responsáveis, que a fiscalização vai proceder energicamente contra aqueles que sejam apanhados a especular ou atentem contra a saúde pública, vem-nos à memória afirmações idênticas, mas no tempo do antigo regime.

Quem não se lembra? Face ao condicionalismo do momento, os preços eram afixados, a fiscalização actuava, mas a breve trecho tudo voltava à rotina do antigamente... Tantas e tantas vezes isso acontecia.

E aquela história do peixe, da hortaliça, etc., o negociante apresentava a factura, estava dentro da margem de lucro estabelecido, aparentemente estava correcto. Só que muitas vezes essa factura poderia ser falsa e não correspondia ao verdadeiro preço da compra. A gente sabe como essas coisas se podem amanharr.

Por isso, temos as nossas dúvidas que as medidas anunciadas venham a ter qualquer resultado prático, pois os mecanismos de distribuição estão montados de tal maneira (incluindo os intermediários), que achamos quase impossível extirpar o mal pela raiz.

E no meio deste imbróglio todo, os que mais sofrem e sentem a dura realidade da alta dos preços, é essa imensa legião de reformados, muitos dos quais nem sequer chegam a auferir 3 000\$00 mensais! Não têm refeitórios, nem usufruem dessas tentadoras senhas para almoço...

E o «fiel amigo» por onde anda?

As vezes aparece na Obra Social dos funcionários do Estado, ali para as bandas do Liceu, mas é um ar que lhe dá... Mal soa que ele — «o fiel amigo» — faz a sua aparição naquela instituição, é uma autêntica romaria, para adquirir um quilo (só um quilo a cada associado), que dir-se-ia que para alguns é dia feriado. Será por ser só a 100\$00, que às vezes a bicha se forma?...

A. B. Marum

Por um punhado de escudos...

(continuação da pág. 1)

mulher que cometera um crime que estava ali à vista de todos: guardara uma «quinda» cheia de escudos, alguns na sua casa de terra batida. Os dias, transformados em anos, de trabalho, de pregões atirados ao vento — «Compra laranja, senhora, laranja bo...a...» — terminariam assim: pendurada no galho duma árvore, como se não passasse duma coisa bruta, inanimada...

Até quando esse barbarismo inesperado, essa impiedade contra um povo simples, ingénuo, que nem sequer sabe onde veio ou para onde vai? Um povo que não passa de um rio anónimo, extravasado do seu leito, sem que alguém o utilize que não seja para seu próprio proveito? Enforcaram uma mulher em Luanda... por não saber o que era um Banco, por não confiar o seu dinheiro a ninguém senão a um esconderijo sagrado, num canto qualquer da sua cubata. Velha mulher para quem a inde-

pendência não passara duma palavra vã, não fora uma palavra de ordem, mas apenas um dia a mais na sua vida.

Enforcaram-na para exemplo... para que o Povo veja que há um castigo para aquele que guardar o seu dinheiro. Porque a terra precisa de moeda circulante. Que sabe o Povo de moeda circulante? Que sabe de Bancos, de depósitos ou de levantamentos, de coisa alguma que não seja os altos e baixos do seu dia-a-dia? O corpo dessa mulher negra dir-lhe-á alguma coisa? Ensinar-lhe-á todas as burocracias económicas de talões bancários, tirá-lo-á dessa ignorância medrosa de não quererem aceitar um papel em troca do seu dinheiro?

O tempo escreverá a prumo sobre esta interrogação. Porque em Angola, tudo é uma interrogação. Talvez até essa velha quitadeira se tenha interrogado sobre o porquê do seu enforcamento...

VERA LÚCIA
(De «O País»)

Nos veículos de duas rodas o pára-choques é... a sua cabeça!
Proteja-se usando sempre o capacete!



circular é viver

Sousa & Martins L.da

ELECTROMECHANICOS

PARTICIPAM AOS SEUS AMIGOS, CLIENTES E AO PÚBLICO EM GERAL A ABERTURA DA SUA OFICINA DE REPARAÇÕES EM VEÍCULOS LIGEIROS E PESADOS.

SE TEM AUTOMÓVEL, VISITE

Sousa & Martins, Lda.

(ANTIGA OFICINA MORGADO)

RUA MARECHAL GOMES DA COSTA — LOULÉ

TELEFONE 62751

VIGIE O SEU AUTOMÓVEL

De vez em quando faça testes de consumo de gasolina. Poupança, poupa dinheiro e alongará a vida do seu carro.

Faça um exame periódico do funcionamento do seu carro. Pode assim evitar gastos supérfluos, tirará melhor rendimento e pode evitar acidentes.

Assim como há pessoas que estão doentes sem se aperceberem do mal que têm, também os automóveis estão muitas vezes «doentes» sem que o automobilista se aperceba do «mal».

Faça hoje mesmo, se for possível, um exame metódico através da nova aparelhagem electrónica já operacional na nova oficina electro-mecânica.

S O U S A & M A R T I N S

(ANTIGA OFICINA MORGADO)

Rua Marechal Gomes da Costa — LOULÉ

pequenas embalagens

Flintkote

EMULSÃO BETUMINOSA

2 kg

Flintkote

EMULSÃO BETUMINOSA

5 kg

Shell Composites

SHELL PORTUGUESA S.A.

5 kg

■ isolamentos e protecções ■ pavimentos
■ impermeabilizações ■ enxertos e podas
■ coberturas

um produto que dura e faz durar!

DISTRIBUIDORES PARA O ALGARVE

JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO Lda

Rua Padre António Vieira LOULÉ tel. 62283

José Canções **Cheta Para você cantar**

A FLOR E O FRUTO

*Autores: Nuno Rodrigues e António Pinho
Canta: Fantástica Aventura*

Fui-te ver ao campo
Estavas dormindo nesse canto
De uma pequenina flor nascendo
Fui-te ver ao mar
Estavas sorrindo nesse encanto
De um pequenino grão de areia voando

Tu deste-me um beijo
Acordei sentindo este desejo
De mulher crescendo como cresce o trigo

Vai meu amor
Vai de amor criar
A mais bela flor
Nesse teu corpo terra por lavar
Vai meu amor
Mulher terra sã
E a nossa flor
Dará o fruto de amanhã

Do trigo e do chão
Fiz a tua cama e o teu pão
Com amor bem grande amor sentido

No meu corpo aberto
Fui criando o fruto e no deserto
Um corpinho abrindo começou vivendo

Vai meu amor
Vai de amor criar
O mais belo fruto
Nesse teu corpo a despertar
Vai meu amor
Mulher terra sã
E o nosso fruto
Será o homem de amanhã

C'EST LA VIE, C'EST JOLIE

TIMOTHY

C'est un soir, un soir d'Hiver,
Dehors il neige, mais l'amour nus protège.

C'est un soir, un soir d'Hiver,
J'oublie déjà le passé dans tes bras.

REFRAIN — Et je dis,
C'est la vie, c'est joli
De te voir tout en blanc
C'est la vie, c'est joli
Car on a le temps
Tu en ris, tu es jolie,
Vivons ces beaux moments.

Et je dis,
C'est la vie, c'est joli
De te voir tout en blanc
C'est la vie, c'est joli
Car on a le temps
Tu en ris, tu es jolie,
Nous ne sommes plus des enfants,

C'est un soir, un soir d'Hiver,
Mais dans nos yeux, c'est l'été, le ciel bleu...

C'est un soir un soir d'Hiver,
Je veux te dire mes secrets, mes désirs...

REFRAIN

C'est un soir, un soir d'Hiver,
Autour de nous, le silence est si doux...

C'est un soir, un soir d'Hiver,
Au petit jour nous aurons fait l'amour.

Novo «Self-Service» do hotel «Sol e Mar» de Albufeira

Abriu recentemente o novo «self-service» do Hotel «Sol e Mar», localizado em frente à praia de Albufeira e da esplanada que a serve, substituindo, em termos de maior funcionalidade o «snack-bar» que desde há anos ali se instalara.

Com pratos variados ao preço de 70\$00 e serviço das 8 às 21 horas, é bem natural que a breve trecho virá a ser conhecido como o recinto mais aprazível desta referida vila.

NO INVERNO a condução é mais perigosa

Rolar numa estrada durante o Inverno envolve maior risco para o condutor. Realmente, o Inverno traz dificuldades de condução que se transformam em situações de maior perigo. A visibilidade diminui, as distâncias de travagem aumentam, o perigo de derrapagem aumenta, igualmente. Chuva e camadas de gelo fazem da estrada uma pista escorregadia. O piso lamacento, originando dificuldades de condução, só espera a nossa imprevidência para se concretizar em ameaças.

O Inverno obriga-nos, efectivamente, a um reforço de cautelas. Enfrentá-lo sem o propósito de as cumprir, é loucura. Não a cometa!

Comece por prestar ao seu carro toda a atenção que ele merece. Verifique se as escovas dos limpa-para-brisas estão em bom estado de conservação e limpeza; se os pneus estão em condições, não descurando o que fôr fundamental. Depois, em marcha, se a visibilidade fôr insuficiente, acenda os faróis (médios) e conduza a velocidade moderada, mantendo uma distância suficiente do veículo que segue à frente.

Só a extrema prudência nos pode ajudar para enfrentarmos as longas viagens. Lembre-se, sempre, de que não deve travar ou acelerar bruscamente.

Durante o Inverno, se redobramos de cautelas, saímos do número daqueles que contribuem para o aumento dos acidentes que se verificam no nosso país.

E lembre-se de que CIRCULAR É VIVER.

CONHEÇA O SEU CARÁCTER

Este livro, baseado precisamente nos mais recentes dados da caracterologia, oferece um método concreto, simples e eficaz, de conseguir aquela descoberta de si mesmo que é o fundamento de toda a educação.

Houve um nítido cuidado do autor de evitar os tecnicismos, pelo que a leitura é acessível a todos.

Embora seja um livro escrito tendo em vista principalmente os jovens, dado o seu interesse geral, é uma obra que sem dúvida é de grande interesse para o grande público, a quem aconselhamos a sua leitura.

Autor: Karl Arduin.
Colecção: «Biblioteca do Homem e da Mulher».

Casa editora: Publicações Europa-América.

NOTÍCIAS PESSOAIS

FALECIMENTOS

No dia em que completava 71 anos de idade, faleceu no Hospital de Loulé, o sr. Joaquim da Silva Costa, natural de Clareanes que deixou viúva a sr.ª D. Francisca Martins Mendes.

O saudoso extinto era pai dos srs. José Plácido Mendes da Silva, do nosso dedicado assinante e amigo Manuel Ricardo Mendes da Silva, industrial de construção civil; João de Deus Mendes da Silva residente em França; Pedro Damião Mendes Costa e da sr.ª D. Cecília Maria Mendes Costa, residente em Espanha. «A Voz de Loulé» apresenta condolências à família enlutada.

D. MARIA VITÓRIA GOMES

Com 85 anos, faleceu em Faro, no passado dia 28, a sr.ª D. Maria Vitória Gomes, natural de Querença e mãe do nosso conterrâneo sr. Prof. Engenheiro-Agrônomo Manuel Gomes Guerreiro, Catedrático da Universidade de Évora e Secretário de Estado do Ambiente. Geralmente estimada pelas suas excelentes qualidades e natural bondade, a saudosa extinta, que há muito residia em Faro e também há muito se encontrava doente, deixou viúvo o sr. Manuel Guerreiro, e era também mãe da sr.ª D. Maria Vitória Gomes Guerreiro, sogra da sr.ª D. Julieta Pinto Ribeiro Gomes Guerreiro; avó da sr.ª Eng.ª D. Maria Margarida Pinto Ribeiro Gomes Guerreiro Araújo, casada com o sr. Eng.º Luís Araújo, e do sr. Dr. João

Pinto Ribeiro Gomes Guerreiro, e bisavó da menina Susana Gomes Guerreiro Araújo. A morte da sr.ª D. Maria Vitória Gomes foi muito sentida.

— Também faleceu há dias em Faro o nosso conterrâneo sr. Emiliano de Sousa Faísca, empregado do Banco do Algarve e há muitos anos residente naquela cidade.

O saudoso extinto contava 56 anos de idade e era filho do sr. Dr. Luís de Sousa Faísca, advogado muito distinto que foi nos auditórios algarvios, e enteado da sr.ª D. Maria Vitória Romão Faísca, residente nesta vila e genro do sr. Tenente-Coronel A. Santa Clara. Deixa viúva a sr.ª D. Brasilina Júlia Alves Faísca e era pai da menina Evangelina Genoveva Alves de Sousa Faísca, aluna do Colégio de Nossa Senhora do Alto.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

BAPTIZADO

Na Igreja de Parede (Cascais) realizou-se há dias a cerimónia do baptizado do menino Rafael João, filho da sr.ª D. Maria Eunice Pereira da Silva Sousa Rodrigues e do nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. Dr. Hélder José Sousa Rodrigues. São avós paternos o nosso estimado amigo e assinante sr. José Lopes Rodrigues e a sr.ª D. Liberdade Leonor S. Rodrigues e avós maternos o sr. Eng.º Manuel Adelino Pereira da Silva e a sr.ª D. Maria Júlia A. Costa S. Pereira da Silva. Foram padrinhos a sr.ª D. Elsa Maria Osório Caiado e o sr. Joaquim Manuel Caiado.

Não se pode ser grande no nosso País?

Não se pode ser grande no nosso país. Se um pequeno lavrador se torna grande, à força de enxada e de economias, assaltam-lhe as terras. Então, inerte e vexado, emigra. Se um pequeno industrial, com inteligência e esforço, consegue desenvolver

a sua indústria, é, violentamente, destituído da direcção da sua empresa.

E emigra. Se um técnico se impõe pelo estudo e ganha nome abocanha-o a mediocridade. Desolado, emigra. Se um professor universitário apela para a disciplina nas aulas e procura que os alunos aprendam, cumprindo os seus deveres, chamam-lhe reaccionário e põem-no fora da cátedra. O Professor vê destruída a sua obra, e, se não for agredido a soco, é insultado. E emigra. Emigram todos os grandes nalguma coisa. Ficamos apenas com o resto. Com a incompetência, com a reivindicação na liberdade da asneira, com a ruína e o vazio. Quando se é impedido de crescer, é fatal o infantilismo. Cria-se uma geração de anões em todos os sectores da vida social. É o descalabro de um povo que fez epopeias e se vê reduzido a mendigo e a espectro.

Teremos de perguntar como o Macbeth da tragédia shakespeariana: — Em que alturas vai a noite?

(De «Jornal de Lisboa»)

Estado das culturas no País

Do Instituto Nacional de Estatística recebemos alguns detalhes sobre o estudo das culturas verificado na passado mês de Janeiro, que passamos a divulgar.

Segundo aquele organismo as elevadas quedas pluviométricas deste mês vieram adicionar-se às já abundantes chuvas caídas durante o Outono. Tal situação não permitiu que se completassem as sementeiras em grande parte das áreas habitualmente dedicadas aos cereais e leguminosas de sequeiro.

Por outro lado, a agravar a substancial redução das áreas semeadas, o encharcamento dos terras não permitiu o bom desenvolvimento das searas, que se apresentam amareladas e infestadas de ervas espontâneas. Apenas as searas semeadas no cedo e em terrenos de melhor drenagem se encontram, dum modo geral, em condições satisfatórias.

Em primeira estimativa, calcula-se que as áreas de trigo, aveia e cevada sejam inferiores em 51%, 30% e 51%, respectivamente, em relação às do ano anterior. Em relação ao centeio estima-se uma quebra de 6%.

A área de fava é inferior em 18% em relação à do ano anterior.

As pastagens e culturas forrageiras têm beneficiado com as chuvas caídas sendo o seu aspecto vegetativo satisfatório.

Os pomares de citrinos foram prejudicados pelas condições climáticas,

tendo-se verificado fortes ataques de míldio e fumagina, assim como queda de frutos.

Estima-se como produção de laranja 107 milhares de toneladas, o que significa uma quebra de 10% em relação ao ano anterior.

Estima-se a produção de azeite em 379 milhares de hectolitros, volume que corresponde a diminuições de 30% e 36%, em relação ao ano anterior e à média do último decénio, respectivamente. Devido a ataques importantes de gafa e mosca da azeitona, principalmente no sul do País, o azeite é, de um modo geral, de má qualidade e as fundas são baixas.

PINTURAS

ANIBAL DIREITINHO

Encarrega-se de todo o serviço de pinturas em construção civil.

ORÇAMENTOS GRATIS.

Serviço por empreitada ou administração directa.

CONSULTE-NOS:

Av. José da Costa Mealha,
N.º 54-1.º-Dto.
Telef. 63088 LOULÉ

(12-5)

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA.
— Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

HARMONIZAÇÃO DE POLÍTICAS SECTORIAIS

(continuação da pág. 1)

A reconversão na qual teremos de estar empenhados, segundo a opinião dos mais autorizados peritos económicos, incide nos sectores industriais da siderurgia, petroquímica e maquinaria não pesada.

Necessariamente outras medidas de carácter amplo estão também em preparo, e que forçosamente se inserirão na devida oportunidade, pois tratam-se nem mais nem menos de cláusulas de compromisso que vinculam e dão substância ao tratado em que assenta toda a dinâmica da Comunidade Europeia. Designadamente, a obrigatoriedade da «livre circulação de capitais», a «união aduaneira e uma política comercial comum» (o que motiva a supressão de todos os direitos alfandegários), a redefinição da nossa política agrícola, etc.

Quer isto dizer no final de contas que Portugal terá, numa perspectiva imediata, de mobilizar todas as suas capacidades e faculdades e catalizar todas as forças divergentes no sentido único do desenvolvimento polivalente.

Acresce portanto outro obstáculo a superar (entre outros mais) que vem a ser o da «harmonização das diferentes políticas sectoriais».

Mas, é indubitável que Portugal ou consegue sanar todos os conflitos sérios e antagonismos de classe por mérito próprio, ou jamais atingirá uma situação igualitária (à qual aspira muito legitimamente) entre os seus pares, o que decerto corresponderia em termos éticos a uma posição de favor e em termos económicos em um caso típico de falência auto-administrativa.

Harmonizar numa sociedade democrática implica necessariamente não só o diálogo inteligível, como condição preliminar, mas também que os interlocutores disponham da «mais-valia» personalógica, ou seja a percepção clara do transe nacional e sectorial, qualidades de discernimento e probidade profissional e individual, independência de carácter e civismo.

Se naturalmente estes ingredientes não entrarem em jogo na resolução das dissidências de trabalho e salariais, e similares, dando lugar a estratégias de diversão que servem o boicote sistemático da economia, criando-se um impasse de consequências imprevisíveis, todos os empenhos postos em equação por muito válidos que sejam correm o tremendo risco de soçobrar. A menos que, evidentemente, ante a iminência de um fracasso de tamanhas proporções, mais altos poderes de emergência se levantassem.

Mas, não obstante, tantas discrepâncias havidas, tantas arbitrariedades que eclipsam forçosamente o que de acertado se tem feito, temos de confiar na lucidez, na propensão à crítica e perspicácia do trabalhador e do empresário portugueses. A iniciativa privada não pode alhear-se do fenómeno social e o mundo do traba-

lho não deve prescindir do talento dos seus fautores. Há então que concertar plataformas de entendimento e relações de entreada de concepção logicamente moderna para que litígios, confrontações de lesa economia possam de modo algum perdurar sem soluções condizentes.

Apela-se pois para um novo dimensionamento: para um suplemento individual e social de que cada um em singular e todos em colectivo teremos, com maior ou menor relutância, de contribuir, a bem do património comum, e a bem da nossa continuidade histórica.

O preço da sobrevivência nacional passa pois, também, e de modo não menos importante, pela harmonização das políticas sectoriais.

É um preço que está ao alcance de todos, é o preço da boa vontade.

J. C. VIEGAS

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO
Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-48, de fls. 68 a 70, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 17 do mês corrente, na qual Joaquim dos Santos Lúcio, solteiro, maior, residente no sítio da Gonci-

nha, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, se declarou dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte prédio: — urbano, composto de morada de casas térreas, com 2 compartimentos e um logradouro, com árvores, no sítio da Goncinha, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, confrontando do norte com José dos Santos Gosma, do sul com Manuel de Santa Catarina, do nascente com serventia, e do poente com caminho, com a superfície coberta de 30 m², sendo de 500 m² a área do logradouro, omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome de Francisca da Conceição, sob o artigo n.º 1 099, com o valor matricial de 2 240\$00, e o declarado de 5 000\$00.

Que este prédio lhe pertence pelo facto do mesmo haver sido doado, ao justificante, por sua avó, Francisca da Conceição ou Francisca da Conceição Viegas, viúva, residente que foi no sítio da Goncinha, já referido, em data imprecisa, mas que sabe ter sido por volta do ano de 1937, por contrato meramente verbal, nunca reduzido a escritura pública;

Que desde a referida data, portanto, há muito mais de trinta anos, sempre tem possuído o prédio supra descrito, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriu por usucapião.

Que, em face do exposto, não lhe é possível comprovar o seu direito de propriedade plena sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 21 de Março de 1977.

O 2.º ajudante,

Fernanda Fontes Santana

CASA DO ALGARVE

FESTA DO SEU 47.º ANIVERSÁRIO

No dia 8 do corrente mês realizou-se em Lisboa a festa de confraternização dos associados da Casa do Algarve com um jantar que foi bastante concorrido.

Como acto final, o nosso comprouviano sr. Dr. Alberto Iria, sócio efectivo e secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa e também da Academia Portuguesa de História, leu um brilhante estudo sob o título «Ainda e sempre João de Deus», consagrado ao brilhante poeta algarvio.

Passando em revista os aspectos mais salientes do lírico e do pedagogo que foi João de Deus, disse da sua vida estudantil e focou a sua faceta de homem cheio de bondade.

Baseando-se principalmente na biografia elaborada por outro grande poeta que conviveu com João de Deus e que foi Eugénio de Castro, o Dr. Alberto Iria teve ocasião de desenvolver as principais facetas do carácter generoso do lírico algarvio, por qualquer considerado como o sucessor de Camões, apreciando a sua veia poética, como das mais belas da literatura portuguesa.

A família de João de Deus fez-se representar por uma das suas netas

e, a propósito desta comemoração, o vice-presidente da Casa do Algarve, sr. Gamboa Barros, fez algumas considerações sobre as actividades da nossa Casa Regional e da necessidade de que os algarvios residentes em Lisboa continuem a prestigiar a mesma, com a sua presença e colaboração.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL E A ROMÉNIA

(continuação da pág. 1)

extrair as convenientes ilações, pois contra factos não há argumentos.

É o caso da Roménia que agora aqui vem à baila, atingida por um devastador sismo que provocou 4 000 mortes e causou enormes destruições.

Auscultado que foi o apelo lançado pela Cruz Vermelha romena, os primeiros países a acudir com auxílios substanciais foram os Estados Unidos, a Alemanha Federal, a Suécia, a Noruega, Dinamarca, Inglaterra, Austrália e Grécia.

De notar que nenhum país do lado de lá da «Cortina de Ferro», de parceria com a União Soviética, se apresou a tomar uma posição colaborante nem mesmo a pretexto da invocada «solidariedade internacional».

Portugal, ao âmbito da cooperação com a Roménia, em face à catástrofe que assolou este país, enviou também onze metros cúbicos de medicamentos.

A URSS só é pronta a prestar auxílio quando se trata de fornecer milhares de contos em armas para... dar a tal «independência» a qualquer país!

É assim a «solidariedade» dos sociais-fascistas.

(De «Notícias da Covilhã»)

RECADOS PARA MANUEL

(continuação da pág. 1)

medidas como não há em qualquer país da Europa! Estas medidas? E a imprensa regional a pagar caro as suas despesas, pois quem lhe vale é a publicidade (praticamente inexistente) e os assinantes da emigração. Acreditamos ainda na palavra empenhada de Manuel Alegre, naquela noite da TV. Por isso, aguardamos a rectificação das medidas tomadas. Com esse fim, vai este recado.



JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

— IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, etc.

— PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS

— ISOLAMENTOS TÉRMICOS:

CÁMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado encontrar-se-á ao seu dispor

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ
TELEFONE 62 283



ARMELIM CONTREIRAS

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis novos e usados

G. Guerra, N.º 14-1.ª Esq.ª
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira
Resid.: Rua dos Combatentes da

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

TECNIPNEUS

ARTUR CONDINHO E GUERREIRO

Recauchutagem - Vulcanização
Calibragem em 5 Minutos
Assistência completa



PNEUS: FIRESTONE - SEMPERIT - KLEBER
SEIBERLING - MABOR GENERAL



Rua Azevedo e Silva — Telef. 62397 — LOULÉ

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais goste ou os móveis avulsos que mais se harmonizem ao ambiente da sua casa.



Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA

VISITE A

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC
Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51
LOULÉ

QUARTEIRA À VISTA

Diagnóstico ao Quarteirense

por M. FARIA

Em geito de radiografia, com aspecto denunciante, alguém trouxe a público nas colunas deste semanário, uma suposta doença intestinal, no Clube da nossa terra.

Ora, qualquer colectividade desportiva, alicerça-se numa composição de três pontos básicos: massa associativa que poderemos considerar (o tronco); Corpos gerentes que se entende por (cabeça) e atletas que serão naturalmente os membros.

Assim, não existe intestino, logo o radiologista, embora conhecedor perfeito do mal que ataca este jovem clube, não pôs os pontos nos ii, não carregou o dedo na ferida, deturpando os resultados analíticos, refugando-se com o seu parecer, numa zona inexistente e deixou o Quarteirense a braços com a mesma e sem a possibilidade de ataque à zona infectada forçando-o a novas análises.

Felizmente que não se trata de coisa grave, conhecidos que são outros diagnósticos, apenas umas manchas detectadas na região lombar, (massa associativa portanto), com indícios de se poder propagar à cabeça (directão) e possíveis causas de mau-estar.

Enfim, coisa sem gravidade de maior, desde que atacada a tempo, com parentesco naquilo que vulgarmente se chamava (pica-pica), que usando de fraseologia moderna, poderia alcinhar-se de «reaccionarismo».

Mas deixamos isso e vamos a uma linguagem mais clara, para que este Quarteirense que é de todos sem ser de alguém, possa gozar melhor saúde.

de. É dos livros que ninguém é perfeito; daí que qualquer género de crítica, desde que seja construtiva, deverá ser bem aceite, mas, destruir, complicar, tentar os tais separatismos, é sistema inaceitável, por ser prejudicial à colectividade.

Rezam os Estatutos, que os corpos gerentes (directão), são eleitos pelos sócios, operação esta que deveria acontecer de dois em dois anos, mas que ultimamente foi encurtada para um ano apenas, terminando o mandato dos actuais directores em Maio próximo. Portanto, pouco falta para que as pessoas mais desejosas de mando, vejam possibilidades de promoção. Até lá, só basta ter paciência, encarar as realidades, até porque isto de desfazer do próximo, para enaltecermos o nosso próprio trabalho, é hábito a pôr de parte, são sistemas que tarde ou cedo dão nas vistas.

Por outro lado, há que não ignorar, que a actual directão, só tomou conta do seu cargo depois de algumas reuniões, depois de quase parecer impossível encontrar outra, depois das hesitações negativas da parte de quem? Lembra-se? Não, meus amigos, esta Directão, doa a quem doer, só termina o seu mandato em Maio. Não vale a pena fintas nem vale a pena minar os alicerces a este jovem clube, porque quem dirige o Quarteirense não tem pretensões a monópólio ou ditadura. Nada impede que a Directão de ontem não venha a ser a de amanhã, porque o nosso Clube, sendo de todos, não é de ninguém!

M. FARIA

A VERTIGEM DOS NÚMEROS:

QUINHENTOS MIL DESEMPREGADOS EM PORTUGAL

Ainda há pouco foi propalado por um membro do governo a quanto monta o número de desempregados em Portugal. Pois, segundo a estimativa revelada, atinge a elevada cifra de 503 700, que comporta 200 000 pessoas à procura do primeiro emprego com predominância de jovens, 125 700 são retornados das ex-colónias e os 178 000, empregados precariamente, carecendo de empregos mais estabilizados.

Atendendo a que a população activa orça 3 578 100 pessoas, a percentagem de desempregados atinge 14%.

São realmente vertiginosos estes números, tanto mais que no tocante ao

antídoto a aplicar, a criação de novos postos de trabalho e aumentos de produtividade como processo estimulante, estamos longe de entrever no «panorama» que nos oferece o mercado de trabalho.

Com milhares de empresas à beira da falência, que futuro para os jovens dum país onde o investimento parou?

Quem vai admitir aprendizes se as empresas não progredirem e diminuem a produção?

Que espera a juventude dum país parado?

Quem cria novos postos de trabalho?

Quem estimula o investimento?

Quem monta novas fábricas?

Que futuro para os nossos jovens?

Cartas ao Director

Do nosso estimado leitor e assinante Henrique Coelho, que se encontra em Hamburgo a exercer a sua actividade recebemos uma carta, que a certo passo se exprime do seguinte modo: «...já agora aproveito o ensejo para exprimir a minha satisfação por o jornal ter passado a semanário e até porque acho que a «Voz» tem melhorado ultimamente pelos artigos que publica, pois um jornal regional não se deve limitar a inserir notícias e pouco mais. Oxalá o vosso jornal continue a defender os interesses do povo como até aqui, e que o seu conteúdo satisfaz».

Congratulamo-nos sinceramente com este comentário, pelo que registamos e agradecemos os votos formulados.

Colaborações anónimas

Tem este jornal recebido, por vezes, algumas colaborações de diversa índole e género, umas aproveitáveis e até por sinal bem válidas, outras não.

Todavia, dado que os seus autores se encobrem no anonimato, não confiando na discrição do director deste jornal, nem tão-pouco no regime vigente que concede ampla liberdade

de expressão, vemo-nos compelidos, em face às razões expostas, a não inserir publicações em qualquer das condições apontadas.

Lembramos que é usual para certos casos usarem-se pseudónimos, sim, que entretanto não obstem a que o responsável pelo jornal (só ele se tanto fôr necessário) conheça a verdadeira identidade do autor.

Agradecimentos

aos corpos clínicos dos hospitais de Loulé e Faro

Atingido por inopinado acidente provocado por uma serra eléctrica, recolheu de emergência ao banco de pronto socorro do Hospital de Loulé, no passado sábado, o nosso redactor sr. J. C. Viegas.

Dada a profundidade do ferimento, foi neste hospital providenciada a sua rápida remoção para o Hospital de Faro.

Ali, naquele estabelecimento, também não se fez esperar a assistência médica, resultando daí a pronta e eficiente intervenção cirúrgica do dr. Osório, distinto médico ortopedista, coadjuvado pelo enfermeiro Santos, intervenção essa que permitiu, de seguida, o regresso a casa do nosso redactor.

A seu pedido endereçamos, portanto aos corpos clínicos de Loulé e Faro os nossos agradecimentos pela acção rápida e competente que conjugadamente prodigalizaram.

CARLOS LOPES honroso 2.º lugar no «Cross das Nações»

(continuação da pág. 1) foram-se revezando, assim, a partir dos primeiros metros, destacando-se sucessivamente o finlandês Sptik, depois o italiano Franco Faava, o belga Shoots. Só aos 9 000 metros, Carlos Lopes que se manteve até aí integrado no grupo da frente que comandava a prova, se destacou e assumiu a posição de guia.

A partir desse momento, travou-se entre Carlos Lopes e Shoots a maior luta travada neste «cross».

Carlos Lopes manteve então em ritmo mais vivo, tentou ainda descolar-se do seu mais directo rival conseguindo distanciar-se uns cinco metros, que foi diminuindo lentamente, até se colocarem ombro a ombro.

Na transposição do último obstáculo ainda se mantiveram a par, mas o belga Shoots escolheu esse momento para jogar a sua cartada e dar tudo por tudo numa aceleração final que lhe grangeou a posição cimeira e o palmarés de campeão da prova. Carlos Lopes classificou-se assim num honroso 2.º lugar a 5 segundos e 2 décimos do vencedor.

As classificações ficaram assim ordenadas:

MASCULINOS — (12.300 m.): 1.º — Léon Schoots (Bélgica) 37.43.0; 2.º — Carlos Lopes (Portugal) 37.48.2; 3.º — Detlef Uhlemann (R.F.A.) 37.52.2; 4.º — Franco Fava (Itália) 37.53.0; 5.º — Bernie Ford (Ing.) 37.54.0; 6.º — Ean Robertson (Nova Zelândia) 37.36.0; 7.º — Karel Lis-mont (Bélgica) 38.04; 8.º — Tony

DIZEM-NOS AS CIFRAS:

MEIO MILHÃO DE ALCOÓLICOS EM PORTUGAL

Parafraseando a voz corrente que diz dar o vinho de comer a um milhão de portugueses, poderemos acrescentar que dá, o que é deplorável, meio milhão de alcoólicos, seguramente, que adicionados a meio milhão de desempregados, fornecem uma cifra nada recomendável a um país que pretende enveredar pelo caminho da reconstrução.

Naturalmente, para acabar com o alcoolismo não implicará necessariamente que deixemos de ser um país vinícola, tanto mais que o vinho é ainda hoje, como produto exportável, uma das poucas fontes de receitas de que beneficiamos.

A dificuldade está em como conjugar esta questão de fartura do vinho sem que tal abundância provoque o seu uso imoderado, e portanto o alcoolismo.

Não vemos outro processo senão através das campanhas de esclarecimento e de consciencialização, extensi-

vas a todos os grupos etários, que apelam para o discernimento e a força de vontade, como veículos regeneradores.

Há que contar com o concurso e o interesse dos mais ou menos viciados, de contrário qualquer movimento esboçado mesmo dotado das melhores intenções não sortirá os efeitos almejados.

Entretanto temos de nos resignar com os números impressionantes que as estatísticas nos apontam: dos 500 mil alcoólicos existentes em Portugal, 100 mil carecem de tratamento urgente; 750 mil acidentes de trabalho e 140 mil de viação tiveram origem na ingestão excessiva de álcool.

Mais horas de trabalho pode dar

mais postos de trabalho

Como se sabe o horário de trabalho para grande parte dos estabelecimentos de retalho vai ser alterado, passando a abertura a processar-se às 8 horas e o encerramento às 22 horas, presidindo a esta modificação o intuito de melhor servir o público consumidor e trabalhador que assim pode acorrer ao seu aprovisionamento depois da saída dos empregos.

Vem ao caso lembrar que semelhante critério, mais ampliado, poderia vir a ser aplicado à indústria promotora de exportações, com resultados possivelmente mais promissores.

Se de facto as unidades fabris funcionassem durante 24 horas sucessivas, por intermédio de turnos de trabalhadores que se revezariam, criari-se-iam, para corresponder a esse acréscimo de labor, novos postos de trabalhos e novos empregos.

Vale a pena pensar nisso?

387 ANOS DEPOIS E... NOVAMENTE GUIMARÃES?

(continuação da pág. 1)

passando por terras de África. Depois do ensinamento da nossa língua pelos mais variados cantos do Universo, aqui estamos no extremo ocidental da Europa, pequenos como antes, pobres como de princípio, envergonhados da audácia dos nossos antepassados? Senão totalmente, pelo menos será caso para perguntar; teria valido a pena? Se assim não é, onde e como esconder os feitos deste País de marinheiros, das náus, das descobertas, dominador dos mares, gasto finalmente, quase sem uma frota de pesca!

Teria valido a pena, uma «Revolução de cravos» para derrubar um regime caduco, em poucas horas, felizmente sem sangue, para «empurrar» depois o País para outros rumos terceiro-mundistas, comunistas, marxistas, socialistas à portuguesa, etc.?

Teria valido a pena tantos desvios, de uma Europa Ocidental, dos países ditos capitalistas, das Sociedades Democráticas, para depois, passados que são dois anos reconhecemos os erros, estendermos a mão e optarmos pela política desses mesmos países? PORTUGUESES! Teria valido a pena voltar SOCIALISMO?

Para quê tantos divisionismos e quesílias partidárias, porque simpatizante do C. D. S. ou do P. P. D. partidos considerados dos ricos, dos fascistas, dos patrões, etc.. Para que se acusou as gentes do Norte, de reacçãoários e dominados pelo «caciquismo», se num fim de contas, tudo indica e caminha para o verdadeiro portuguesismo de há oito séculos?

837 anos depois, Guimarães, que foi berço da Nação Portuguesa, pode orgulhar-se novamente de ser o baluarte deste país chamado Portugal. Serão mais uma vez os nortenhos que descendo até ao sul, mostrarão ao

restante povo deste cantinho, que o verdadeiro socialismo é o trabalho, a verdadeira política é aquela que melhor se adapta aos nossos seculares costumes, e que os verdadeiros portugueses são aqueles que dedicam o verdadeiro amor à sua Pátria!

Portanto, Povo do meu País, aproxima-se o terceiro aniversário da alegre Revolução dos cravos, mas só na metade norte, terão realmente razões para uma comemoração digna, já que o resto deste pequeno continente, não encontrou ainda o verdadeiro sentido da mentalidade Portuguesa, e já que alguns mentores desta Revolução, parece não terem encontrado ainda, o caminho do futuro.

M. FARIA

Alta de preços invalida a desvalorização como fatora do turismo?

Com o patrocínio da CRTA realizou-se recentemente uma reunião que congregou a representação de 40 unidades hoteleiras do Algarve e a presença de entidades ligadas à Direcção-Geral de Turismo.

Constituiu assunto de debate a desvalorização do escudo, paralelamente seguido de uma maré altista generalizada dos custos dos géneros.

Radiciou-se, portanto, em conclusão, a ideia de que será factível e lícito procurarem as empresas um reequilíbrio, nomeadamente um aumento de preços de «allotment».

No entanto o agravamento em causa só entrará em linha de conta desde que previamente negociada com os operadores turísticos estrangeiros, de molde a que da desvalorização, como incentivo turístico não seja prejudicada.